



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

4th MASSAS

ÓRGÃO BISSEMANAL DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO 32- Nº 618 **ESPECIAL** DE 6 A 13 DE SETEMBRO DE 2020 - R\$ 4,00

82 anos da fundação da IV Internacional



**Trabalhar, trabalhar e trabalhar pela reconstrução
do Partido Mundial da Revolução Socialista!**

**A III Internacional dos Primeiros Quatro Congressos,
dirigida por Lênin e Trotsky, vive plenamente no
Programa de Transição da IV Internacional**

**Trabalhar, trabalhar e trabalhar
para pôr em pé os partidos
marxista-leninista-trotskistas!**

**TODO EMPENHO NO FORTALECIMENTO DO COMITÊ DE
ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL**

Em 20 de agosto de 1995, momento em que se completavam 55 anos do assassinato de Leon Trotsky, publicamos um folheto, divulgando o documento, intitulado “O Congresso de liquidação da Internacional Comunista”, escrito em 23 de agosto de 1935. O acerto da crítica às revisões promovidas pelos agentes de Stalin na III Internacional marca profundamente a consistência da luta pela constituição da IV Internacional, três anos mais tarde. Fundada em 3 de setembro de 1938, perfaz 82 anos. Este número especial do jornal Massas é dedicado à luta pela reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

Um ano depois de sua fundação, o imperialismo desencadearia a Segunda Guerra Mundial. A IV Internacional, embora organizativamente frágil, se levantou como a força programática do proletariado e da maioria oprimida. As teses de Lênin sobre a guerra imperialista seriam fielmente aplicadas nas novas condições da sangrenta conflagração. Teses que ampararam a luta dos bolcheviques contra a capitulação da Segunda Internacional socialdemocrata, e que foram fundamentais para orientar as massas para a revolução de outubro de 1917. Ninguém poderia prever que essas Teses seriam submetidas, na III Internacional, a uma revisão oposta aos seus pressupostos. Ninguém poderia diagnosticar a liquidação da III Internacional à semelhança como os revisionistas liquidaram a II Internacional.

A degeneração da II Internacional influenciou decisivamente no isolamento da revolução proletária na Rússia. A luta revolucionária do proletariado alemão se ligava ao destino, não só da revolução na Rússia, como no da Europa. A degeneração da III Internacional, por sua vez, serviu à aliança imperialista contra a revolução espanhola, e impulsionou o movimento contrarrevolucionário, que tomou conta da Europa.

Ao se levar a cabo o desarme programático, teórico e político da III Internacional, o estalinismo submeteu os partidos comunistas, em todo o mundo, à fração imperialista considerada “democrática”. A adoção da tática das “frentes populares” não passava de uma adaptação da velha política socialdemocrata de colaboração de classes. O estalinismo abandonava a orientação leninista da transformação da guerra imperialista em guerra civil contra a

burguesia, sob a estratégia da revolução proletária. A particularidade da emergência do nazifascismo e de sua orientação para a guerra imperialista serviu de máscara ao revisionismo da tática revolucionária do proletariado, que foi substituída pela tática de colaboração de classes. Eis por que Trotsky definirá o Sétimo Congresso da Internacional Comunista como sendo de sua liquidação programática.

À diferença da II Internacional, que foi mantida como aparato a serviço da contenção da luta de classes, a III Internacional acabou sendo dissolvida, em 1943, em meio à guerra imperialista, que concluiria em 1945. Da liquidação programática, se chegou à liquidação organizativa. Essa drástica decisão fez parte das concessões contrarrevolucionárias de Stalin ao imperialismo “democrático”, ou seja, aos Estados Unidos e Inglaterra. As bandeiras da “paz mundial” e da “coexistência pacífica” tiveram como resultado a liquidação física da III Internacional.

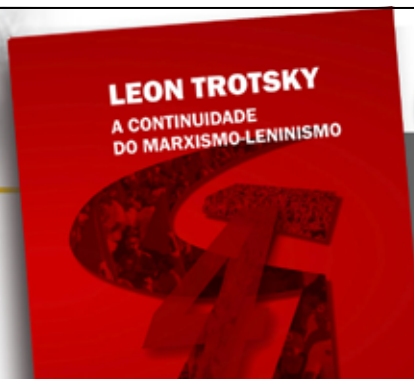
Em 20 de agosto, data do assassinato de Trotsky, dedicamos o número 617 do jornal Massas a ser parte da campanha em defesa do marxismo-leninismo-trotskismo e da tarefa de reconstrução da IV Internacional. Estampamos na capa “Memória Eterna a Leon Trotsky, assassinado em 20 de agosto de 1940, a mando de Josef Stalin”. “Em defesa do programa da revolução e ditadura proletárias!”. Decidimos, também, publicar uma coletânea de documentos e artigos na forma de livro (“Leon Trotsky, a continuidade do marxismo-leninismo”). Em nosso percurso, já havíamos divulgado inúmeros folhetos e o livro “Pôr em pé a IV Internacional”.

O Partido Operário Revolucionário, seção do Comitê de Enlace, sempre deu a máxima importância ao internacionalismo proletário. O que coloca constantemente a luta contra todas as formas de revisionismo do marxismo-leninismo. Em outras palavras, a luta pela continuidade do trotskismo. Agora, lançamos o Manifesto “82 anos da fundação da IV Internacional. Viva o internacionalismo proletário, marxista-leninista-trotskista. Reconstruir a IV Internacional – Partido Mundial da Revolução Socialista”. Acompanha, portanto, nesse jornal Massas especial, a reedição do documento “O Congresso de liquidação da III Internacional”. Conservamos, nesse sentido, a apresentação que acompanha sua edição original, na forma de folheto.

Publicado o livro:

LEON TROTSKY A CONTINUIDADE DO MARXISMO-LENINISMO

“Este livro objetiva expor essa dialética do combate de Trotsky ao estalinismo. Não há como continuar o marxismo-leninismo sem assimilar esse processo, que se desencadeou já em 1923, quando Lênin ainda vivia e sentia o peso da enfermidade, que o levaria à morte em 1924, e concluiu com o assassinato de Trotsky em 20 de agosto de 1940. Este livro, portanto, é uma homenagem militante, prática, proletária e marxista aos 80 anos de seu assassinato”.



R\$ 35

ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR

Manifesto do Partido Operário Revolucionário**82 anos da fundação da IV Internacional****Viva o internacionalismo proletário, marxista-leninista-trotskista!
Reconstruir a IV Internacional - Partido Mundial da Revolução Socialista***Pelo Comitê Central, Atílio de Castro - 3 de setembro de 2020*

Três de setembro de 1938, a IV Internacional era fundada, nos arredores de Paris, na mais absoluta clandestinidade. Hitler chegou ao poder em 1933, em meio à profunda crise econômica, que se manifestava desde 1929. Nos anos seguintes, se potenciaram as tendências militaristas, e se tornou mais claro que o imperialismo caminhava para a segunda guerra mundial. É nessas condições que a derrota da revolução espanhola, para o fascismo franquista, em 1939, apoiada pela Inglaterra e França “democráticas”, assinalou o avanço da contrarrevolução em toda a linha. Na Alemanha, o partido comunista, seguindo a orientação da III Internacional estalinizada, oscilou entre o ultraesquerdismo e o oportunismo, de maneira que o proletariado alemão não teve como se emancipar do controle da política da socialdemocracia, cuja impotência diante da projeção do nazifascismo se evidenciava. Sem a direção revolucionária, o fascismo cumpriu sua função de acabar com as organizações operárias, e liquidar fisicamente as direções. Na França, o governo burguês de Léon Blum (1936-1938), assentado na frente popular, constituída pelos partidos socialista, comunista e radical, bloqueava o desenvolvimento da revolução proletária, e servia às forças contrarrevolucionárias na Espanha. O pacto de Stalin com Hitler – efetuado pelos Ministros dos Negócios Exteriores, Viatcheslav Molotov e Joachim von Ribbentrop, em agosto de 1939 – facilitou a ofensiva militar da Alemanha, que invadiu a Polônia. A divisão da Polônia entre a Alemanha e a União Soviética marcou o início da segunda guerra mundial. O que parecia ser uma manobra de defesa da União Soviética acabou colocando-a por detrás da guerra imperialista, que concluiu com uma nova partilha mundial, muito mais ampla que a da primeira guerra. O que aparentou ter fortalecido o país da revolução proletária, na realidade, serviu à imensa projeção dos Estados Unidos. Esse aclamado farol da democracia se elevou à condição de potência hegemônica, aumentando a capacidade do imperialismo de submeter a ferro e fogo as nações oprimidas. Imediatamente, a burguesia norte-americana alinhou por trás de si a Europa e Japão capitalistas, portanto, vencedores e vencidos, lançando um cerco à União Soviética

e aos países que expropriaram a burguesia. É na situação de avanço do fascismo e da preparação para a segunda guerra mundial que a política de Stalin evidenciou, sem atenuantes, apesar do palavreado de defesa do comunismo, a ruptura com o programa e os métodos bolcheviques do internacionalismo proletário.

O VII Congresso da Internacional Comunista, agosto de 1935, sob a direção de Geórgi Mikháilov Dimitrov, esvaziou toda a caracterização da guerra imperialista, formulada por Lênin, e assumida pelos Primeiros Quatro Congressos da Internacional Comunista (1919-1922), apresentando a grande conflagração como se fosse o confronto entre a democracia e o fascismo. Os agentes de Stalin, na III Internacional, vão adotar uma tática estranha ao marxismo-leninismo. As frentes populares seriam a forma de defender a democracia e derrotar o fascismo. Consistia em apoiar e se integrar nos governos burgueses, que estivessem a serviço da democracia. Assim, a classe operária foi submetida a coligações burguesas, que acabaram servindo à contrarrevolução, na França e na Espanha. Nos países semicoloniais, como na América Latina, amarraram os explorados por detrás do nacionalismo burguês, que não foi capaz de reagir à dominação do imperialismo norte-americano. As frentes populares foram ditadas pela burocracia estalinista aos partidos comunistas do mundo inteiro, tornando-os apêndices de uma fração burguesa. Essa panaceia, extraída da caracterização do confronto entre de-

democracia e fascismo, que pressupunha a existência de uma fração burguesa progressista, que deveria ser apoiada pela classe operária, levou os partidos comunistas a se desviarem, e a renegarem a estratégia da ditadura do proletariado, e a substituírem a tática revolucionária, pela tática da colaboração de classes. Do esquerdismo do terceiro período, momento em que o estalinismo caracterizou a socialdemocracia alemã como irmã gêmea do fascismo, e se negou a organizar a frente única contra a ascensão de Hitler, se saltou para o oportunismo com as frentes populares. O VII Congresso da Internacional Comunista resultou na revisão e abandono do programa dos seus Primeiros Quatro Congressos, que estiveram sob a orientação

*O VII Congresso da
Internacional Comunista, agosto
de 1935, sob a direção de Geórgi
Mikháilov Dimitrov, esvaziou
toda a caracterização da
guerra imperialista, formulada
por Lênin, e assumida pelos
Primeiros Quatro Congressos da
Internacional Comunista (1919-
1922), apresentando a grande
conflagração como se fosse o
confronto entre a democracia e o
fascismo.*

mocracia e fascismo, que pressupunha a existência de uma fração burguesa progressista, que deveria ser apoiada pela classe operária, levou os partidos comunistas a se desviarem, e a renegarem a estratégia da ditadura do proletariado, e a substituírem a tática revolucionária, pela tática da colaboração de classes. Do esquerdismo do terceiro período, momento em que o estalinismo caracterizou a socialdemocracia alemã como irmã gêmea do fascismo, e se negou a organizar a frente única contra a ascensão de Hitler, se saltou para o oportunismo com as frentes populares. O VII Congresso da Internacional Comunista resultou na revisão e abandono do programa dos seus Primeiros Quatro Congressos, que estiveram sob a orientação

Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.
CAIXA POSTAL Nº 630 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO – www.pormassas.org / [facebook - massas.por](https://facebook.com/massas.por)



Os agentes de Stalin, na III Internacional, não adotaram uma tática estranha ao marxismo-leninismo. As frentes populares seriam a forma de defender a democracia e derrotar o fascismo. Consistia em apoiar e se integrar nos governos burgueses, que estivessem a serviço da democracia. (...)

Nos países semicoloniais, como na América Latina, amarraram os explorados por detrás do nacionalismo burguês, que não foi capaz de reagir à dominação do imperialismo norte-americano. As frentes populares foram ditadas pela burocracia estalinista aos partidos comunistas do mundo inteiro, tornando-os apêndices de uma fração burguesa.

geral de Lênin e Trotsky.

O desarme teórico e político da III Internacional, nas condições de crise, guerra, revolução e contrarrevolução, comprometeu definitivamente o estalinismo com a guerra imperialista. Estavam dadas, assim, todas as premissas da liquidação da III Internacional. O que significou a destruição do Partido Mundial da Revolução Socialista. Resguardadas as diferenças, Trotsky se viu diante de uma situação parecida com o que se passou com a II Internacional, que se degenerou com a capitulação de sua direção, diante da política de guerra do imperialismo. Operou-se uma radical revisão das posições marxistas, que estiveram na origem da II Internacional. Lênin e os bolcheviques combateram o chauvinismo dos socialistas capituladores, e levantaram a bandeira da III Internacional, assim que ficou claro o desarme teórico e político da II Internacional. Esse embate se processou em meio à revolução, que avançava na Rússia, e à contrarrevolução, que se erguia na Alemanha. A III Internacional nasceu programática e ideologicamente antes da Revolução de Outubro de 1917, fruto da luta contra o desarme teórico, político e programático. Foi concebida como instrumento da revolução mundial, que tinha como seu destacamento mais avançado o proletariado russo e seu partido bolchevique. O triunfo da revolução proletária possibilitou erguer, organizativamente, a III Internacional, realizando seu primeiro Congresso, em março de 1919. Seu manifesto e documentos estabeleceram a natureza da III Internacional como Partido Mundial da Revolução Socialista, baseado nos princípios e fundamentos do centralismo democrático.

O capitalismo da época imperialista, que se distingue da época liberal, quando foi fundada a I Internacional, por Marx e Engels, havia amadurecido todas as premissas para a materialização do internacionalismo, na forma do Partido Mundial

da Revolução Socialista. A II Internacional, que se edificou em meio ao processo de transição e de florescimento da democracia burguesa na Europa Ocidental, não foi capaz de compreender as profundas mudanças do capitalismo monopolista, em que predomina o capital financeiro, e, assim, romper com sua adaptação ao parlamentarismo e ao pacifismo pequeno-burguês. Originou-se e se organizou como uma federação de seções. Sobre a base dessa experiência, que se esgotou com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, a III Internacional se ergueu como partido mundial, regido por um programa e por um estatuto centralista e democrático. A revisão estalinista dos Primeiros Quatro Congressos da Internacional Comunista liquidou o partido mundial centralista-democrático. A burocratização do partido bolchevique (Partido Comunista russo) e a degeneração da ditadura do proletariado na URSS se refletiram na forma de revisionismo do caráter da III Internacional. Os partidos comunistas, que emergiram em todo o mundo, impulsionados pela revolução socialista na Rússia, foram submetidos a uma orientação centralista-burocrática e autoritária. Já não faziam parte do Partido Mundial da Revolução Socialista, centralista-democrático, mas sim de uma burocracia, que emanava as ordens do Kremlin. A estalinização no seio do Estado operário, primeiramente, deformou a democracia proletária, em seguida, esmagou-a definitivamente. A III Internacional não poderia escapar a esse processo, a não ser que rompesse com a direção estalinista.

A política capituladora de Stalin, em 1933, indicou a Trotsky e à Oposição de Esquerda que já não havia como recuperar a III Internacional de seus Primeiros Quatro Congressos. A ossificação dos partidos comunistas e a perseguição policial aos marxistas-leninistas-trotskyistas inviabilizaram qualquer luta interna. É nesse momento que Trotsky orienta a Oposição de Esquerda Internacional a colocar a tarefa de constituir a IV Internacional. Não lhe fugia à compreensão de que se tratava de uma situação completamente adversa. A vitória do estalinismo levava à restauração, e servia à contrarrevolução. A guerra imperialista ressurgia das profundas contradições do capitalismo da época dos monopólios e do capital financeiro. Era inevitável um massacre de povos, para se chegar a uma nova partilha do mundo. Os partidos comunistas estavam incapacitados de reagir ao revisionismo estalinista. As expulsões, processos e assassinatos de opositores foram os métodos com que a burocracia estalinista combateu a possibilidade de a oposição marxista-leninista potenciar a defesa do partido centralista-democrático. O esmagamento da revolução espanhola fechava um capítulo de resistência, que poderia realinhar as forças proletárias na Europa. Os agrupamentos que se desprendiam do reformismo socialdemocrata, por sua vez, tendiam ao centrismo.

Diferentemente da III Internacional, a IV Internacional se erguia na contracorrente dos acontecimentos do período de guerra imperialista, do avanço da burocratização estalinista, e das vitórias da contrarrevolução. Nas fileiras da Oposição de Esquerda, emergiu um polo de resistência à criação da IV Internacional, sob o argumento de que não existiam os partidos organizados no seio do proletariado. Não compreendiam que se tratava de preservar as conquistas da III Internacional, materializadas nos seus Primeiros Quatro Congressos, de lutar pelo internacionalismo em defesa das conquistas da Revolução Russa, e responder aos novos problemas do grave momento histórico. Não se podia dar continuidade à luta contra o revisionismo estalinista, sem expressar o internacionalismo marxista-leninista, na forma de uma Internacional. Não se podiam esperar mudanças nas condições mundiais, em que se invertesse a correlação de forças em favor do proletariado. Esperar significava assumir passivamente a destruição programática da III Internacional, e contribuir para a manutenção do vazio de direção mundial. Os enfrentamentos da Oposição de Esquerda Russa, entre 1923 e 1929, e, em seguida, da Oposição de Esquerda Internacional com o estalinismo e as diretrizes desenvolvidas por Trotsky, nas condições concretas da luta de classes mundial, constituíram a base programática, política e ideológica da preservação do internacionalismo.

Em 3 de setembro de 1938, pouco antes da eclosão da segunda guerra mundial, se aprovou o Programa de Transição para da Revolução Socialista. Duas premissas o alicerçam. De um lado, afirma que *“os requisitos econômicos da revolução proletária atingiram o mais elevado grau de maturidade que pode ser atingido sob o capitalismo”*. De outro, que *“a situação política mundial no seu conjunto se caracteriza, sobretudo, pela crise histórica da direção do proletariado”*. Estabelece como objetivo que *“a tarefa estratégica do próximo período – período pré-revolucionário de agitação, propaganda e organização – consiste em superar a contradição entre a maturidade das condições objetivas da revolução e a não maturidade do proletariado e de sua vanguarda (confusão e desencorajamento da velha geração, falta de experiência da jovem)”*. E recorre ao método marxista-leninista: *“é preciso ajudar as massas no processo da sua luta cotidiana a encontrar a ponte entre as suas reivindicações atuais e o programa da revolução socialista. Essa ponte deve consistir em um sistema de reivindicações transitórias, partindo das condições atuais e da consciência atual de grandes camadas da classe operária, e conduzindo invariavelmente a uma só e mesma conclusão – a conquista do poder pelo proletariado”*. A estratégia do Programa de Transição é a ditadura do proletariado, o método é o da ação direta. O seu fundamento geral é o da expropriação revolucionária da burguesia e a transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social. O Programa de Transição reconhece as particularidades da luta do proletariado nos países imperialistas e nos países semicoloniais. Assinala a necessidade da aliança operária e camponesa nos países de eco-

nomia atrasada. Aliança que levará à constituição do governo operário e camponês, que exercerá a ditadura do proletariado sobre a burguesia derrotada. O internacionalismo está na base do Programa de Transição, que considera que a revolução em um país somente pode se sustentar e avançar em sua transição ao socialismo nas condições de triunfo da revolução em outros países e mundial.

No VII Congresso, de 1935, a burocracia estalinista liquidou programaticamente a III Internacional. Esse passo indicou que a Internacional perderia qualquer função, diante da política de coexistência pacífica com o imperialismo, e da participação de Stalin no acordo de uma nova partilha do mundo, ditado pelos Estados Unidos. Depois de oito anos, em 15 de maio de 1943, Stalin ordenou a dissolução da III Internacional, sem que precisasse sujeitar a decisão liquidacionista a um congresso. A passividade dos partidos comunistas expressou a sua mais completa integração ao capitalismo, como havia ocorrido com os social-democratas da II Internacional. Trotsky foi assassinado dois anos após a fundação da IV Internacional, e três anos antes da eliminação da III Internacional. A sua luta, para que o enfrentamento ao nacionalismo estalinista – que se sintetiza na fórmula da possibilidade de construir o “socialismo em um só país” – se materializasse na forma do programa, exigiu constituir uma nova Internacional. Abria-se um novo período histórico, em



Os enfrentamentos da Oposição de Esquerda Russa, entre 1923 e 1929, e, em seguida, da Oposição de Esquerda Internacional com o estalinismo e as diretrizes desenvolvidas por Trotsky, nas condições concretas da luta de classes mundial, constituíram a base programática, política e ideológica da preservação do internacionalismo.

que o proletariado mundial estava obrigado a travar o combate contra o imperialismo e o processo de restauração capitalista em curso. Qualquer que fosse o movimento revolucionário, tinha de se colocar pela defesa das conquistas da revolução proletária. Essa orientação dependia da constituição de partidos revolucionários, que aplicassem o Programa de Transição, nas condições particulares de seus países. A vanguarda construiria as seções da IV Internacional, elaborando o programa da revolução proletária, de acordo com as particularidades econômicas, sociais, culturais e desenvolvimento do proletariado. Assim se aplicaria o Programa de Transição de forma concreta. Estava claro que teria de vencer poderosos obstáculos, para constituir o partido no seio do proletariado. E a IV Internacional se potencializaria, sobre a base da confirmação dos prognósticos sobre a desintegração do capitalismo e da luta contra a burocratização estalinista e as forças restauracionistas.

A IV Internacional padeceu de uma contradição na sua origem, uma fortaleza programática e uma fraqueza organizativa. A justeza do programa possibilitava superar a debilidade da vanguarda, que despontava em vários países, inclusive na América Latina. Trotsky empreendeu uma luta para formar quadros bolchevique-leninistas, que assimilassem o Programa de Transição e o combate ao revisionismo estalinista. Deparou-se com o sério problema do centrismo e do oportunismo nas fileiras da IV Internacional. As crises nas duas principais seções – a dos Estados Unidos e da França – obstaculizaram o fortalecimento organizativo da nova Internacional. Seus reflexos no Brasil resultaram na desintegração da Liga Comunista. Os acontecimentos posteriores à morte de Trotsky indicaram que



Em meio a essa profunda crise de direção, o Partido Operário Revolucionário da Bolívia (POR), sob a direção de Guillermo Lora, se destacou como pilar da IV Internacional. Foi o único partido que forjou o Programa de Transição, de acordo com as particularidades do país, e conseguiu se construir no seio do proletariado boliviano.

não se havia consolidado uma direção revolucionária, programática e teoricamente consistente. Não foi capaz de dar continuidade às conquistas do marxismo-leninismo-trotskismo, diante da guerra imperialista e das capitulações de Stalin. O fortalecimento do aparato estalinista, no imediato pós-guerra, alimentou na direção da Internacional uma tendência revisionista, que passava a considerar o estalinismo como progressista, impulsionador do comunismo. Essa posição direitista, dirigida por Michel Pablo, desencadeou a desintegração da IV Internacional, nos anos de 1950-1960. A fração que rechaçou o revisionismo pablista, no entanto, se mostrou incapaz de manter a direção baseada no Programa de Transição. As rupturas e estilhaçamentos desmoronaram organizativamente a IV Internacional. Nenhuma de suas tendências escapou ao centrismo. Esse fenômeno demonstrou que, se a vanguarda não forma o partido como programa, e não penetra no proletariado, inevitavelmente, tem de expressar o esquerdismo e o oportunismo pequeno-burguês.

A desintegração da IV Internacional atingiu profundamente a vanguarda latino-americana. Dividida e estilhaçada, cedeu às mais diversas pressões da crise capitalista e da luta de classes. Não foi capaz de combater o imperialismo, e se distinguiu do nacionalismo burguês mais radical, bem como das roupagens

vestidas pelo estalinismo. A Revolução Cubana se ergueu como uma prova decisiva. Confundiu-se a obra revolucionária das massas, que derrubou o governo e expropriou os grandes proprietários, com sua direção pequeno-burguesa, que acabou se sujeitando ao estalinismo. Confundiu-se a necessária defesa de Cuba diante dos ataques dos Estados Unidos com a política do castrismo. Sujeitou-se ao método foquista de Guevara, como se fosse expressão da luta internacionalista pela revolução latino-americana. Afastou-se, definitivamente, da tarefa de construir o partido-programa no seio do proletariado. As várias expressões do centrismo, não só haviam se afastado do marxismo-leninismo-trotskismo, como se ergueram como obstáculos à IV Internacional.

Em meio a essa profunda crise de direção, o Partido Operário Revolucionário da Bolívia (POR), sob a direção de Guillermo Lora, se destacou como pilar da IV Internacional. Foi o único partido que forjou o Programa de Transição, de acordo com as particularidades do país, e conseguiu se construir no seio do proletariado boliviano. As Teses de Pulacayo, aprovadas no Congresso dos mineiros, em 1946, pavimentou a construção do partido como expressão da IV Internacional. A condição insular e de profundo atraso econômico do país pesaram em favor do isolamento do POR. O fato de não ter podido intervir amplamente no processo de desintegração da IV Internacional, em certa medida, favoreceu a projeção do centrismo, confundido com o trotskismo. O combate cerrado de todas as variantes centristas ao POR serviu para recrudes-

cer seu isolamento, ao mesmo tempo em que indicou o reconhecimento de sua importância para o trotskismo e a IV Internacional. O empenho do POR boliviano de organizar o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional tem auxiliado a construção das seções no Brasil, Argentina e Chile. A

sua constituição, regida pelo Programa de Transição, aplicação nas condições particulares de cada país, e funcionamento centralista-democrático, se distingue das correntes centristas, que continuam a se reivindicar do trotskismo e da IV Internacional, mas que de fato abandonaram a tarefa de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista. O Comitê de Enlace se esforça por assimilar e aplicar os métodos e a concepção organizativa, que se assentam na experiência da III Internacional, da época de Lênin e Trotsky.

Estamos a 80 anos do assassinato de Trotsky e 82 anos da formação da IV Internacional. As ilusões do pós-guerra, de que o “socialismo em um só país” se mostrava correto, e que, por meio da coexistência pacífica entre capitalismo e comunismo, se fortaleceria a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, se tornaram insustentáveis. A hegemonia do imperialismo norte-americano e a reconstrução do imperialismo europeu e japonês minaram as conquistas revolucionárias do proletariado da Primeira Guerra e do pós-Segunda Guerra. Os avanços do proletariado e das massas oprimidas foram contidos mundialmente. O curso ascendente da restauração capitalista refletiu os enormes retrocessos provocados pelo fortalecimento da burocracia estalinista e da política de colaboração de classes. O proletariado mundial se tornou órfão, sem a III Internacional,

e sem a possibilidade da IV Internacional substituí-la com a força organizativa que aquela teve.

Os desmoronamentos dos governos burocráticos, nos anos de 1980 e 1990, golpeados pelo esgotamento econômico e pelo descontentamento das massas, serviram aos objetivos do imperialismo. Sem os partidos revolucionários, para conduzir a classe operária à revolução política, o desmoronamento do velho aparato estalinista cedeu lugar à nova burocracia restauracionista. O retrocesso foi tão profundo, que países como a Polônia, Hungria e Ucrânia, deram lugar a governos ultradireitistas e fascizantes. A Rússia cedeu lugar à forma de governo bonapartista de direita. Na China, o partido comunista se tornou um pilar do capitalismo de Estado, abrindo caminho à restauração pela via da penetração dos monopólios imperialistas. O período revolucionário de transição do capitalismo para o socialismo, iniciado com a Revolução Russa, foi interrompido. De maneira que a derrota das revoluções, e a recuperação do terreno perdido para a burguesia mundial, possibilitaram um longo período do pós-guerra, em que a burguesia manteve as rédeas da situação, e o proletariado permaneceu desorganizado e incapacitado de retomar os patamares anteriores da luta pelo socialismo. No entanto, em algumas décadas, se esgotou a reconstrução do capitalismo do pós-guerra, e cresceram, irresistivelmente, as pressões do imperialismo no sentido de impulsionar a restauração capitalista. O desmoronamento da velha burocracia e a restauração abriram válvulas de escapes ao capitalismo em decomposição. A reacomodação da Rússia e China na ordem mundial, ditada pelas potências, não foi suficiente para atender, integralmente, aos objetivos do imperialismo, uma vez que as conquistas revolucionárias do passado lhes possibilitaram manter certa independência do domínio norte-americano e administrar o processo de restauração.

Desde os anos de 1970, a crise mundial vem em uma escalada de agravamento. As forças produtivas mundiais foram repostas, e entraram em flagrante contradição com as relações de produção capitalistas na forma monopolista. Eis por que a crise aberta em 2008, nos Estados Unidos, se generalizou mundialmente, e alcançou os patamares da crise de 1929. A restauração em curso na China, sob a forma de capitalismo de Estado, a potenciou economicamente, em detrimento dos Estados Unidos e das demais potências, que enfrentam o declínio. O cálculo do imperialismo se baseava no objetivo de que o ingresso da China na ordem mundial, traçada pelos Estados Unidos e sustentada no pós-guerra, iria desintegrar a burocracia governante e o partido comunista, e levaria, assim, a uma relação de franca subserviência. A potenciação econômica, baseada em uma poderosa força de trabalho, na estatização dos ramos fundamentais, no aproveitamento tecnológico das multinacionais, e na centralização ditatorial burocrática, abriu um novo período de choque com o imperialismo e, em particular, com os Estados Unidos. Não se trata mais de derrotar o comunismo, mas de impor, às últimas consequências, a restauração, que implica romper o capitalismo de Estado e submeter o país ao capital financeiro. Isso se passa também, apesar das diferenças, com a Rússia. O declínio econômico dos Estados Unidos, no último período do pós-guerra, e emersão da China, deram lugar à retomada aberta da guerra comercial. A economia mundial não pode continuar dependendo do crescimento chinês.

As forças produtivas, de conjunto, não têm como se desenvolver, sob a estrutura monopolista ultraconcentrada, e sob o gigantesco capital financeiro ultraparassitário. É o que explica o fracasso das tentativas do imperialismo de superar a crise aberta em 2008. A eclosão da pandemia, que tomou conta do mundo, se tornou um fator de precipitação da recessão mundial, que já vinha dando sinais. Eis por que a tendência geral é a de acirrar o confronto dos Estados Unidos com a China e Rússia. É nesse marco que se coloca a urgência de a vanguarda construir os partidos revolucionários, e reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista.



É visível o acúmulo de crises, manifestações e enfrentamentos com o Estado burguês, que indicam as tendências gerais de agravamento da luta de classes. Situações pré-revolucionárias e revolucionárias têm se gestando, em várias partes do mundo. São sinais inconfundíveis de que as massas estão obrigadas a se defender a qualquer custo. O que caracteriza a situação mundial é o aumento dos desequilíbrios e instabilidades políticas, que têm em sua base a decomposição das forças produtivas e a luta de classes.

A impossibilidade de impulsionar as forças produtivas mundiais resulta em sua desintegração. Formas parasitárias do capital se agigantam, enquanto que as formas produtivas perdem vigor. O crescente desemprego, subemprego e a precarização dos empregos são reflexos do bloqueio às forças produtivas. O que, por sua vez, conduz à redução do valor da força de trabalho. Desde os anos de 1970, a burguesia passou a se utilizar da destruição de antigas conquistas trabalhistas e sindicais. As contrarreformas se tornaram a principal diretriz a ser seguida por qualquer que seja o governo. Os países semi-coloniais foram sendo alinhados por detrás dessa orientação mundial. Conjugaram-se os ataques à força de trabalho com os voltados a aumentar o saque das nações oprimidas. A imigração tornou-se um problema explosivo para as potências. A pobreza, e mesmo a miséria, mostraram seu rosto nos países capitalistas mais civilizados do mundo. O que deixou de ser um monopólio dos países atrasados. As chagas sociais do capitalismo se manifestam por toda a parte, sem exceção. A classe média, que se expandiu enormemente no pós-guerra, agora, está em declínio, e pressionada pelo empobrecimento. Os assalariados em geral, principalmente, o proletariado, são empurrados para o precipício do desemprego. É sobre esse terreno

que a burguesia retoma a militarização mundial, e potencia os focos de guerra. E tende a reviver as formas ditatoriais e fascistas de governabilidade. De nada adianta a gritaria dos reformistas de que é preciso impedir a total destruição do “Estado de bem-estar social”; de que a democracia é um bem civilizatório que precisa ser protegido. No fundo, cresce o temor do proletariado se erguer e potencializar sua vanguarda revolucionária. Observam-se, com preocupação, os levantes protagonizados por camadas empobrecidas da classe média urbana. É visível o acúmulo de crises, manifestações e enfrentamentos com o Estado burguês, que indicam as tendências gerais de agravamento da luta de classes. Situações pré-revolucionárias e revolucionárias vêm se gestando, em várias partes do mundo. São sinais inconfundíveis de que as massas estão obrigadas a se defender a qualquer custo. O que caracteriza a situação mundial é o aumento dos desequilíbrios e instabilidades políticas, que têm em sua base a decomposição das forças produtivas e a luta de classes.

O reformismo e a burocracia sindical são os principais muros de contenção da luta de classes e da organização independente do proletariado. A estatização dos sindicatos, que, no capitalismo, é a condição de sobrevivência da casta burocrática, se elevou ao extremo. Os partidos reformistas, socialdemocratas

A luta implacável contra os bloqueios e os desvios da luta de classes é a condição para a vanguarda com consciência de classe organizar o partido marxista-leninista-trotskista no seio do proletariado. O que não significa se negar a aplicar a tática da frente única, sempre que as condições exigirem. É nas entranhas da luta que se criam as melhores condições para combater as direções conciliadoras e ajudar os explorados a concluírem suas experiências com as direções traidoras.

e nacionalistas têm sido fiéis serviçais da burguesia, em geral, e da fração considerada democratizante, em particular. Conservam a capacidade de canalizar a revolta das massas para as manobras parlamentares. É a burocracia sindical, no entanto, a principal barreira à organização independente diante do Estado burguês. Funciona como agente do reformismo, ou, inclusive, do liberalismo. As divisões interburocráticas cessam, diante do objetivo de conter o descontentamento e a revolta das massas. De traição em traição, a burocracia sindical alimenta a desconfiança, a exasperação e o descrédito das massas na capacidade de luta de suas organizações. Ao submeter os sindicatos à política dos partidos burgueses, o aparato burocrático se contrapõe às necessidades e às reivindicações mais elementares das massas. Sabe

que a mobilização da classe operária em defesa dos empregos, salários e direitos se choca com as tendências do capitalismo, de fechamento de postos de trabalho e redução do valor da força de trabalho. Até mesmo a bandeira do salário mínimo necessário à vida da família operária deixou de ser reconhecida, ainda que no palavreado. O programa de reivindicações vitais, se defendido com os métodos da ação direta e por meio da democracia operária, leva os explorados a combaterem a burguesia e seu governo. Na pandemia, a burocracia, nas suas variadas tendências, colaborou abertamente para se aplicarem as medidas de redução salarial e demissões. A luta implacável contra os bloqueios e os desvios da luta de classes é a condição para a vanguarda com consciência de classe organizar o partido marxista-leninista-trotskista no seio do proletariado. O que não significa se negar a aplicar a tática da frente única, sempre que as condições exigirem. É nas entranhas da luta que se criam as melhores condições para combater as direções conciliadoras e ajudar os explorados a concluírem suas experiências com as direções traidoras.

A crise de direção revolucionária é o grande problema da humanidade, que se manifesta, objetivamente, nas crises e luta de classes em cada país, e mundialmente. O profundo retrocesso, provocado pelo estalinismo, pela restauração capitalista e pela desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, faz parte do processo histórico da transição do capitalismo para o socialismo, e deste para o comunismo. A interrupção da transição aberta pela Revolução Russa de outubro de 1917, e impulsionada pelas demais revoluções, principalmente na China, representa uma dura derrota do proletariado mundial. Baseado em suas lições e nas novas condições de decomposição do capitalismo, é que se reerguerá e retomará o curso inevitável das revoluções socialistas. Cabe à vanguarda com consciência de classe encarnar essa tarefa, e trabalhar incessantemente, bravamente, pela reconstrução da IV Internacional, Partido Mundial da Revolução Socialista. Esse objetivo estratégico se resolve pondo em pé os partidos-programas, como seções do Comitê de Enlace.

ADQUIRA COM O DISTRIBUIDOR DO JORNAL Massas **\$5**

Boletim do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

Publicação do Comitê de Enlace para a Reconstrução da IV Internacional
Vende-se em Portugal - junho 2020 - R\$ 5,00

Diante a crise econômica, política e social desencadeada pelo coronavírus

Combater os governos burgueses, para impor nosso próprio plano de emergência, baseado na democracia operária e nossos métodos de luta

Erguer bem alto as bandeiras da Revolução Proletária!

Seleção de declarações e artigos internacionais, nacionais, publicados nos últimos três meses, sobre a catastrófica crise que vivenciamos.

Trotsky defendeu a III Internacional contra o liquidacionismo estalinista

Atilio de Castro, 20 de agosto de 1995

Publicamos o documento “O Congresso de liquidação da Internacional Comunista, de 23 de agosto de 1935”, por ocasião dos 55 anos do assassinato de Trotsky, a mando de Stalin, ocorrido em 20 de agosto de 1940.

Cinco anos antes, foi realizado o Sétimo Congresso da III Internacional Comunista. Trotsky se encontrava no exílio, o que não lhe impediu de realizar uma rigorosa análise das principais resoluções, prevendo a liquidação programática da III Internacional. A elaboração tática das Frentes Populares, a partir do informe de Dimitrov, e a subordinação do Estado operário da União Soviética à democracia imperialista, indicaram que o estalinismo alcançava o ápice da negação do marxismo-leninismo. Portanto, rechaçava as bases do bolchevismo e do programa, princípios e métodos táticos dos Primeiros Quatro Congressos da Internacional Comunista.

O feroz combate de Stalin a Trotsky, e o terror reacionário desfechado contra a Oposição de Esquerda revelaram, por inteiro, o revisionismo pró-capitalista da burocracia contrarrevolucionária.

A linha de colaboração com o imperialismo veio à tona na situação de agudização da crise mundial do capitalismo e da luta de classes. A estratégia do “socialismo em um só país”, oposta ao internacionalismo proletário, e da “coexistência pacífica” com as democracias imperialistas, se manifestou no Sétimo Congresso, como ponta de lança da burguesia mundial contra a III Internacional e, portanto, contra as bases da Revolução Russa.

Trotsky defendeu o quanto pôde a III Internacional de Lênin, em oposição ao liquidacionismo estalinista. Entretanto, o Sétimo Congresso mostrou que essa causa estava perdida. Tratava-se de construir a IV Internacional, como encarnação dos Primeiros Quatro Congressos da III Internacional.

Dimitrov, um homem de Stalin, indicou com perfeição, em seu informe, a renúncia da revolução proletária, em favor da política de colaboração de classes por meio das frentes populares. A conclusão de Lênin de que a socialdemocracia reconhecia a luta de classes, mas negava a estratégia da ditadura do proletariado, se aplica às posições de Stalin/Dimitrov.

Em uma das passagens do seu discurso, Dimitrov, com a aparente crítica ao esquerdismo, exorta os partidos comunistas que se “empenhem, em realidade, no papel de fator político na vida de seu país (...), em lugar de se contentar com a propaganda, com a crítica e os chamamentos estéreis à luta pela ditadura do proletariado”. Esta colocação significou a substituição da estratégia da ditadura do proletariado pela estratégia dos governos democrático-burgueses, cuja tática correspondente era a das frentes populares.



■ Inauguração dos trabalhos do II Congresso da III Internacional Comunista, 1919.

Trotsky defendeu o quanto pôde a III Internacional de Lênin em oposição ao liquidacionismo estalinista. Entretanto, o Sétimo Congresso mostrou que essa causa estava perdida. Tratava-se de construir a IV Internacional como encarnação dos Primeiros Quatro Congressos da III Internacional.

O Sétimo Congresso, de fato, foi a liquidação da estratégia da revolução proletária, portanto, da revolução mundial.

Em 15 de maio de 1943, três anos depois do assassinato de Trotsky, e oito anos distantes do Sétimo Congresso, Stalin liquidaria organizativamente a III Internacional, dissolvendo-a. A Internacional foi caracterizada como um traste envelhecido, e um peso para os partidos comunistas.

Eis a passagem mais significativa da resolução: “A marcha dos acontecimentos durante o último quarto de século, assim como a experiência acumulada pela Internacional Comunista, demonstraram de maneira convincente que a forma de organização, para agrupar os operários, eleita pelo primeiro Congresso da Internacional Comunista, forma que correspondia às necessidades do período inicial do renascimento do movimento operário, ia caducando, à medida que se desenvolvia este movimento, e pela complexidade de suas tarefas nos diferentes países, chegando, inclusive, a ser um obstáculo para o fortalecimento posterior dos partidos operários nacionais”.

Como se vê, o internacionalismo proletário é apresentado como uma trava para os “partidos operários nacionais”. Completava-se a negação do internacionalismo, que tem na III Internacional um partido mundial da revolução socialista, centralista-democrático, por meio da concepção de partidos operários nacionais. Na verdade, teleguiados pelo estalinizado partido comunista russo.

A farsa do “socialismo em um só país” serviu à liquidação do movimento revolucionário internacional.

Terminada a Segunda Guerra Mundial, que foi motivo de justificativa das frentes populares e da submissão do Estado operário, bem como de todos os partidos comunistas, à fração imperialista denominada democrática (Estados Unidos, Inglaterra, etc.), Stalin/Dimitrov foram ainda mais a fundo na política de “paz mundial” com o grande capital. Em 1947, se realizou a Conferência de Poreba (Varsóvia), em que se criou um “Escritório de Informação dos Partidos Comunistas e operários da Europa” (Cominform). Tratou-se da criação de um aparato controlado desde o Kremlin. Mais uma vez, o estalinismo totalitário mostrou seu aparelhismo liquidacionista de todos os partidos comunistas.

O jornal, intitulado “Por uma Paz durável, por uma Democracia popular”, compareceu como porta-voz da Cominform, de negação dos princípios, estratégia e tática da revolução proletária. A “paz durável” era a mais completa submissão das massas às burguesias e desmonte do movimento revolucionário mundial. E a “democracia popular”, a subserviência aos partidos burgueses, denominados progressistas, e à democracia capitalista.

Em nossos dias, temos como desdobramento histórico da liquidação do marxismo-leninismo, que começou bem antes do Sétimo Congresso da Internacional, a restauração capitalista na ex-União soviética, e em todos seus satélites de Leste europeu, bem como na China. A qualificação de Trotsky de que o estalinismo era a materialização da contrarrevolução no interior da revolução proletária, por desgraça da humanidade, se mostrou plenamente correta.

O terrível retrocesso histórico da restauração deve ser encarado, objetivamente, pelos revolucionários, que têm a tarefa de construir o Partido Mundial da Revolução Socialista, cujo delineamento é dado pelo Programa de Transição da IV Internacional, escrito por Trotsky.



Trotsky, ao lado de Lênin, encarnou a plenitude da doutrina comunista de Marx e Engels, e os ensinamentos da luta de classes, protagonizados pelo proletariado e demais oprimidos. Por isso, pôde rechaçar o estalinismo restaurador do capitalismo e avançar o marxismo-leninismo.

Faz 55 anos do assassinato de Trotsky, e, de lá para cá, o capitalismo só fez se desintegrar e arrastar as massas para uma miséria jamais vista. O princípio do socialismo ou barbárie coloca-se com maior amplitude ainda, em nossos dias. A via de solução da desintegração do capitalismo imperialista e da consequente barbárie tem suas raízes na Revolução Russa, que materializou a revolução proletária. Eis por que a superação da crise direção, como assinalou Trotsky, depende de a vanguarda assimilar profundamente as experiências e as lições do bolchevismo.

Trotsky, ao lado de Lênin, encarnou a plenitude da doutrina comunista de Marx e Engels, e os ensinamentos da luta de classes, protagonizados pelo proletariado e demais oprimidos. Por isso, pôde rechaçar o estalinismo restaurador do capitalismo e avançar o marxismo-leninismo.

Nosso dever histórico é dar continuidade a esta obra, reconstruindo a IV Internacional.

Trotsky vive no Programa de Transição, na teoria da revolução permanente, no aperfeiçoamento da lei do desenvolvimento desigual e combinado, nas caracterizações do capitalismo e na estratégia e tática da revolução mundial.

Trotsky vive como dirigente do soviete de Petrogrado da revolução de 1905, como organizador do exército vermelho, decisivo para a vitória da insurreição proletária-camponesa, e vive por se ter dedicado inteiramente à emancipação do proletariado e demais explorados da escravidão capitalista.

Vive por ter enfrentado valentemente a violência do absolutismo czarista, sempre trabalhando no seio das massas, para que seus instintos se tornassem consciência socialista. Vive por ter corrigido seus erros e se confluído com o leninismo, com o partido bolchevique.

Vive por ter combatido o totalitarismo e o revisionismo estalinista, e preservado o programa da revolução mundial.

Sobre os escombros do estalinismo, vive Trotsky, marxista-leninista.

**PÔR EM PÉ O PARTIDO MUNDIAL
DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA
RECONSTRUIR A IV INTERNACIONAL**



R\$35

**ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR
DE MASSAS**

O Congresso de liquidação da Comintern ^[1]

Trotsky, 23 de agosto de 1935

O Sétimo Congresso da Comintern, que ainda não havia concluído suas deliberações no momento em que este documento foi escrito, mais cedo ou mais tarde, entrará para a história, como o Congresso de liquidação da Internacional Comunista. Embora seus participantes não o reconheçam, estão comprometidos – com essa unanimidade obrigatória, que tem sido a característica geral da III Internacional nos últimos anos – com a liquidação do programa, dos princípios e dos métodos táticos, estabelecidos por Lênin, e preparam a abolição total da Internacional Comunista como uma organização independente.

A Terceira Internacional surgiu diretamente da guerra imperialista. É verdade que há muito lutavam diferentes tendências na Segunda Internacional; mas, nem mesmo a extrema esquerda, representada por Lênin, pensava que seria necessário criar a unidade revolucionária da classe operária mundial, por meio de uma ruptura total com a socialdemocracia. A degeneração oportunista dos partidos operários, intimamente ligada ao período de florescimento do capitalismo no final do século passado e no início deste, se revelou plenamente, no momento em que a guerra colocou abertamente a questão: a favor ou contra burguesia nacional? Em 1914, o processo político deu um salto brusco; para usar as palavras de Hegel, o acúmulo de mudanças quantitativas repentinamente assumiu um caráter qualitativo. ^[2]

A abrupta virada para o patriotismo, por parte das seções da Internacional, foi inesperada para todos, como mostra claramente o exemplo de Lênin. Em anos anteriores, ele teve mais de uma oportunidade de criticar a socialdemocracia alemã; mas, invariavelmente, a considerava seu partido. E mesmo quando, estando na Suíça, recebeu a última edição dos Vorwärts, anunciando que o bloco socialdemocrata do Reichstag havia votado a favor dos créditos de guerra de Guilherme Hohenzollern, confiantemente declarou a um círculo de amigos que o Estado-Maior Alemão havia falsificado a referida edição, para demonstrar a unidade fictícia do povo alemão e assustar o inimigo. E, quando não havia mais espaço para ilusões reconfortantes, as conclusões de Lênin sobre a catástrofe foram ainda mais contundentes e categóricas. A Internacional Socialdemocrata estava rompida, suas seções individuais haviam sido postas a serviço dos estados maiores nacionais, era preciso construir uma nova Internacional: esse era o programa de Lênin desde os primeiros dias da guerra. A partir de então, os dirigentes parlamentares e sindicais das organizações operárias passaram a ser, para ele, meros agentes do ativismo imperialista no seio da classe operária. Proclamou que o rompimento com eles era o primeiro requisito, para o desenvolvimento posterior do trabalho revolucionário. A nova Internacional, purificada de todo oportunismo, se tornaria uma organização para a guerra civil contra o imperialismo. Lênin repudiou o próprio nome de socialdemocracia, chamando-a de camisa suja, que devia ser substituída por outra, limpa.

Refletindo sobre as bases teóricas do reformismo à luz da

nova experiência, Lênin colocou toda a ênfase na teoria do Estado. Os dirigentes da Segunda Internacional viam o Estado democrático como uma instituição autônoma, suspensa acima das classes e, consequentemente, capaz de servir a objetivos históricos diversos, inclusive contrapostos. Para eles, o problema estava em preencher a democracia “pura”, passo a passo, e, gradativamente, com um novo conteúdo econômico. Jaurès, o mais brilhante representante do reformismo, dizia: “É preciso socializar a República”. ^[3] A idealização da democracia conduziu, inevitavelmente, à idealização dos partidos democráticos da burguesia. Diz-se que a colaboração com eles era um requisito necessário para o “progresso” sistemático.



A Terceira Internacional surgiu diretamente da guerra imperialista. É verdade que há muito lutavam diferentes tendências na Segunda Internacional; mas nem mesmo a extrema esquerda, representada por Lênin, pensava que seria necessário criar a unidade revolucionária da classe operária mundial, por meio de uma ruptura total com a socialdemocracia.

Se, na Alemanha, com seu vertiginoso desenvolvimento econômico e seu atrasado desenvolvimento político, os partidos democráticos murcharam antes de florescer, na conservadora França, com suas classes intermediárias mais estáveis, e com as tradições da Grande Revolução, o Partido Radical continuou ocupando, na vida política da república, uma posição de destaque, inclusive decisiva, se se observa superficialmente. Na França, a teoria da democracia pura como base para o progresso ininterrupto desembocou diretamente no bloco dos socialistas com os radicais. Esta questão foi, durante décadas, a pedra de toque para o movimento operário. Jaurès era partidário de uma aliança de todos os “republicanos puros” contra a “reação”. Guesde, por outro lado, era partidário da luta de classes contra todos os partidos da burguesia, incluindo a ala traidora. ^[4] Em certas situações, esse antagonismo tendia a adquirir características muito agudas, mas, em última análise, suas consequências práticas não transcendiam os limites da democracia burguesa. Apesar de todas as suas formulações, teoricamente inconciliáveis, em 1914, Guesde se manifestou

pela defesa da Terceira República, contra o “militarismo prusiano” e, inesperadamente, para todos – talvez também para si – aceitou o cargo de ministro da Defesa Nacional. Aos olhos de Lênin, seu antigo camarada de armas – até certo ponto seu mestre – tornou-se um traidor do internacionalismo, tão traidor quanto o infame Scheidemann.

Naquela época, Lênin dirigiu todo o fogo de sua crítica teórica contra a teoria da democracia pura. Suas inovações foram as de um restaurador. Limpou a doutrina de Marx e Engels – o Estado como instrumento de opressão de classe – de todos os amálgamas e falsificações, devolvendo-lhe sua intransigente pureza teórica. Ao mito da democracia pura, contrapôs a realidade da democracia burguesa, edificada sobre os alicerces da propriedade privada, e transformada pelo desenvolvimento do processo em um instrumento do imperialismo. Segundo Lênin, a estrutura de classes do Estado, determinada pela estrutura de classes da sociedade, excluía a possibilidade de o proletariado conquistar o poder no âmbito da democracia e usando seus métodos. Não se pode derrotar um adversário armado até os dentes, com os métodos impostos pelo próprio adversário, se, além disso, for também o árbitro supremo da luta. O avanço do proletariado socialista conduz, inevitavelmente, à derrubada revolucionária ou contrarrevolucionária da democracia. Assim que o problema passa das questões secundárias da reforma



(...) a tentativa de apresentar os antagonismos imperialistas da Europa como um choque entre os princípios da democracia e do fascismo é absolutamente ridícula. Deve-se acrescentar a isso que, no caso de guerra, as tendências fascistas na França, Tchecoslováquia, Romênia, etc. se desenvolverão, incontrolavelmente, mas que a vitória total do fascismo na Europa não diminuiria nem um pouco os antagonismos que a separam.

parlamentar para a questão da propriedade capitalista, todos os partidos da burguesia, mesmo os mais “esquerdistas”, se agrupam em torno ao núcleo mais poderoso da classe dominante, isto é, em torno ao capital financeiro. Desse ponto de vista, a perspectiva do progresso pacífico, ou da socialização democrática, revela-se uma utopia pura. Os preparativos para a revolução requerem uma ruptura simultânea com os radicais burgueses e, como já sabemos, com os reformistas democráticos da própria classe operária.

82 anos da fundação da IV Internacional

Seria absolutamente errado extrair do que foi dito acima a conclusão de que Lênin ignorava a pequena burguesia, em particular o campesinato, como fator político. Pelo contrário, considerava que a capacidade do partido operário de arrastar atrás de si as massas pequeno-burguesas da cidade e do campo era uma condição necessária para a vitória da revolução, não só na Rússia e nos países do Oriente colonial, mas também, em boa medida, nos países capitalistas metropolitanos altamente desenvolvidos. No entanto, dentro das chamadas classes médias, traçou uma demarcação estrita entre as camadas superiores, economicamente privilegiadas e as camadas inferiores exploradas: entre ativistas parlamentares e ovelhas eleitorais. Considerava que, para forjar a aliança combativa do proletariado e da pequena burguesia, era necessário primeiro limpar as fileiras operárias dos reformistas e, em segundo lugar, libertar a população da cidade e do campo da influência da democracia burguesa. Para Lênin, a coalizão parlamentar da socialdemocracia com os democratas burgueses significava uma perda de tempo e, conseqüentemente, facilitava a vitória da ditadura mais reacionária do capital financeiro. Uma aliança do proletariado com a pequena burguesia exige a direção de um partido revolucionário, o que só pode ser alcançado por meio de uma luta implacável contra os partidos históricos das classes médias.

Este é o cerne dos ensinamentos de Lênin sobre as condições para preparar a revolução proletária. Com base nesses princípios, plenamente verificados e confirmados pela experiência da Revolução de Outubro, foi fundada a Internacional Comunista. Essa breve síntese teórica ajudará o leitor a determinar com precisão a posição histórica do último Congresso comunista, que, em relação a todos os problemas-chave de nosso tempo, liquidou os ensinamentos de Lênin, realizando uma virada de 180 graus, em direção ao oportunismo e patriotismo.

No marco da sua doutrina sobre o imperialismo, Lênin considerava que a procura do denominado lado culpado no conflito entre estados imperialistas era absurda. A diplomacia de cada país coloca a responsabilidade pela guerra no outro lado, e os socialdemocratas de cada país apoiam consistentemente os diplomatas. É amplamente sabido que, mesmo o detetive mais experiente, nem

sempre captura o criminoso. E o que acontecerá, se os depósitos de pólvora da Europa pegarem fogo simultaneamente, e de vários ângulos? O critério legal de “culpabilidade” não nos leva a lugar nenhum. O verdadeiro culpado das guerras é o imperialismo, ou seja, a incompatibilidade de interesses mundiais que ele mesmo engendra. A paz de Versalhes é um elo nos preparativos para a guerra que se aproxima, assim como o programa de Hitler, cuja vitória foi facilitada pelo mesmo tratado de Versalhes.

Enquanto isso, aqueles que redigiram os discursos do Sétimo Congresso, e aqueles que participaram das discussões subsequentes, em total violação dos documentos de fundação da Internacional Comunista, repetem unanimemente que o perigo de guerra emana do fascismo alemão. A conclusão que extraíram de tudo isso é de que se necessita da sólida unidade de todas as forças “democráticas” e “progressistas”, de todos os “amigos da paz” (essa expressão existe), para a defesa da União Soviética, por um lado, e a democracia ocidental, por outro. Essa concepção superficial, para não dizer banal, das relações mundiais remonta diretamente à doutrina oficial da Entente de 1914-18, com a única diferença de que onde antes se dizia militarismo prussiano, agora se diz fascismo.^[5]

Na verdade, a razão pela qual a Alemanha trocou sua atitude de tímida adulação pela busca agressiva de “igualdade” não está nas cordas vocais de Hitler, que não possuem nenhum poder místico, mas no reanimamento das poderosas forças produtivas do país, após as comoções da guerra e do pós-guerra. O que a Inglaterra e a França defendem diante da Alemanha não são princípios democráticos, mas o equilíbrio artificial de poder estabelecido como resultado da guerra. A Itália participou do campo vitorioso dos “defensores da democracia”, o que não a impediu de cair no fascismo antes de mais ninguém. E, voltando ao momento presente, é precisamente a Itália, aliada da democracia francesa – e indiretamente da União Soviética – que se prepara para iniciar o conflito sangrento por meio da invasão voraz da Etiópia. À luz destes fatos visíveis e incontestáveis, a tentativa de apresentar os antagonismos imperialistas da Europa como um choque entre os princípios da democracia e do fascismo é absolutamente ridícula. Deve-se acrescentar a isso que, no caso de guerra, as tendências fascistas na França, Tchecoslováquia, Romênia, etc. se desenvolverão, incontrolavelmente, mas que a vitória total do fascismo na Europa não diminuiria nem um pouco os antagonismos que a separam.

É verdade que, nos discursos dos delegados diante do Congresso, os argumentos em defesa das democracias da Europa Central e Ocidental, frente aos ataques do nacional-socialismo, ocuparam um lugar secundário, no que diz respeito à argumentação de defesa da União Soviética. No entanto, essa hierarquia dos argumentos pode ser trocada com facilidade, e o será inevitavelmente. O dever de defender a “democracia” e a “independência nacional”, diante do nacional-socialismo, obviamente manterá sua força total, independentemente da participação ou não da União Soviética na guerra. Por outro lado, a palavra de ordem da defesa da terra dos soviets foi inscrita na bandeira da III Internacional no dia de seu nascimento. O Sétimo Congresso permanece formalmente fiel a essa tradição. Mas, que diferença na perspectiva e nos métodos!

No governo de Lênin, e nos primeiros anos após sua morte, os principais adversários na arena mundial eram o social-patriotismo e seu irmão de leite, o pacifismo democrático. Aceitava-se como verdade inabalável que esses eram os fatores que entorpeciam as mentes dos trabalhadores, deixando ao imperialismo as mãos livres. É verdade que, em épocas anteriores, a diplomacia soviética nunca se absteve de explorar as contradições do imperialismo (embora nunca as tenha apresentado como contradições entre “reação” e “democracia”); mas a direção, no tempo de Lênin, considerava que a principal garantia para a existência e o desenvolvimento da União Soviética residia no desenvolvimento da revolução europeia e mundial. Era precisamente por isso que, naquela época, não se falava em estabelecer alianças prolongadas entre os soviets e alguns dos setores imperialistas em conflito, e ninguém teria pensado que naqueles países capitalistas, com os quais a União Soviética havia estabelecido relações temporárias, o proletariado deveria substituir a luta revolucionária contra a burguesia, pela colaboração reformista e pacifista com os partidos burgueses de “esquerda”, e com todos os “amigos da paz”, em geral. Assim, no que se refere à guerra, ao pacifismo e à “guerra civil”, fez-se uma virada de quase 180 graus.

Nenhum dos delegados do Sétimo Congresso repudiou diretamente a revolução proletária, ou a ditadura do proletariado, ou qualquer uma dessas coisas terríveis. Muito pelo contrário: os oradores oficiais juraram que em

seus corações nada mudou, e que as mudanças de tática se aplicam apenas a uma determinada etapa histórica, na qual corresponde defender, tanto a União Soviética, quanto os remanescentes da democracia ocidental diante de Hitler. No entanto, não é aconselhável dar crédito a esses juramentos solenes. Se os métodos da luta de classes revolucionária se mostram inúteis em circunstâncias históricas difíceis, isso significa que sua falência é total, especialmente considerando que a época vindoura será caracterizada por dificuldades crescentes. Como Lênin zombou dos patriotas sociais, quando juravam que arquivavam suas obrigações internacionais, apenas “enquanto durasse a guerra”!

O eixo de todas as discussões no Congresso foi a última experiência na França, sob a forma da chamada “Frente Popular”, que era um bloco de três partidos: Comunista, Socialista e Radical. A colaboração direta e indireta com os radicais (o chamado cartel) sempre foi parte constitutiva da política do Partido Socialista. Mas, em contraste com os socialdemocratas alemães, a seção francesa da Segunda Internacional, ligada às tradições revolucionárias de seu proletariado, jamais pôde decidir-se pela colaboração com a esquerda burguesa, ao ponto de integrar com ela um governo de coalizão. O cartel, limitando-se a concluir acordos eleitorais e blocos parlamentares,



***A “Frente Popular”,
barulhenta, mas paralisada
por suas contradições internas,
coça a cabeça impotentemente.
Ao mesmo tempo, os fascistas
ampliam sua base política e
aperfeiçoam sua organização
militar. Ninguém diz uma
palavra sobre isso no Congresso,
onde reina o monolitismo
obrigatório prescrito de antemão.***



O fascismo explora a desilusão política da pequena burguesia da cidade e do campo com o Partido Radical. Nos bastidores, o capital financeiro dá seu apoio generoso às gangues fascistas, preparando assim uma nova base de apoio. O regime vigente é de natureza transitória. O governo nacional instável de Laval ainda precisa do apoio dos radicais.

proclamou que sua tarefa consistia em “defender a democracia” da reação interna e dos perigos externos. Pode-se dizer que o Partido Comunista Francês se fez na luta contra o cartel. Diante da necessidade de se defender dos golpes da esquerda, os socialistas justificavam sua política com base na necessidade de união com as classes médias, ao que os comunistas respondiam que, embora a principal base de apoio dos radicais fosse a pequena burguesia, em todos os assuntos importantes, sacrificava estes interesses no altar da aristocracia bancária. A aliança com o partido da paz de Versalhes – diziam – preparava o terreno para uma nova guerra e uma nova traição por parte dos socialistas.

A derrubada do gabinete de Daladier, por uma insurreição dos bandos armados da reação (6 de fevereiro de 1934), provocou uma série de mudanças radicais na distribuição das forças políticas. Pressionado pela agitação entre as massas, o Partido Socialista rapidamente se afastou dos desacreditados radicais; inclusive expulsou de suas fileiras o bloco de parlamentares de direita, os chamados neossocialistas, para quem a colaboração com a esquerda burguesa era o fator essencial da política socialista. Por outro lado, a iminência do perigo fascista na França, e o aumento da corrida armamentista alemã, provocaram um processo oposto e vertiginoso na Comintern. Os próprios líderes, que até 6 de fevereiro chamaram o radical de esquerda Daladier de fascista e o líder socialista Leon Blum de socialfascista, diante do assalto do fascismo autêntico, perderam toda a confiança em si mesmos e em sua bandeira e – sob instruções diretas de Moscou, é claro, resolveram buscar a salvação em uma aliança com os partidos democráticos, não apenas com os socialistas, mas também com os radicais.

As conversas, que continuaram por vários meses, tiveram um caráter puramente teatral, com um elemento de humor importante, embora não intencional. Os socialistas suspeitavam

82 anos da fundação da IV Internacional

de declarações inflamadas de amizade comunista; os “socialfascistas” de ontem temiam uma armadilha. E, quando eles finalmente viram a magnitude do terror de seus recentes adversários e aceitaram uma frente única, o segundo capítulo se abriu: a luta pela aliança com os radicais. Os socialistas rejeitaram obstinadamente o bloco com o partido dos arquiconservadores Herriot e Daladier: sua longa experiência mostrou-lhes que era politicamente estéril; mas, finalmente, a pressão constante dos comunistas, os delinquentes neófitos do cartel, alcançou seu objetivo. Os radicais, cujos aliados de esquerda nem mesmo exigiam uma ruptura com a reação extrema, representada no gabinete de coalizão de Laval, aceitaram com relutância o cartel tripartite, como um meio político para fortalecer sua fraca posição no parlamento e garantir à França a ajuda do Exército Vermelho, em caso de última necessidade. Assim que a Frente Popular foi criada, os neossocialistas ocuparam o lugar que naturalmente lhes pertencia, ao lado do partido de Briand.^[6] Assim, ficou demonstrado que sua expulsão anterior se devia a um simples mal-entendido.

Apresentando a experiência francesa como o modelo para a aplicação mais eficaz da nova política realista, nem o orador Dimitrov,^[7] nem os delegados franceses, se preocuparam em analisar a verdadeira natureza social e econômica desse agrupamento temporário de forças, que leva o nome bombástico da “Frente Popular”. Ao contrário, todos os palestrantes se recusaram, obstinadamente, a discutir o programa e as perspectivas do novo cartel. Não é surpreendente: a crise do parlamentarismo francês é, acima de tudo, a crise do radicalismo francês. As massas pequeno-burguesas estão perdendo a confiança nos heróis da fraseologia jacobina, que, na realidade, sempre resultam ser um dos instrumentos do capital financeiro.^[8] O fascismo explora a desilusão política da pequena burguesia da cidade e do campo com o Partido Radical. Nos bastidores, o capital financeiro dá seu apoio generoso às gangues fascistas, preparando assim uma nova base de apoio. O regime vigente é de natureza transitória. O governo nacional instável de Laval ainda precisa do apoio dos radicais.

O caráter hipócrita e absolutamente podre deste partido se revela com clareza mortal no fato de que, por um lado, seus dirigentes mais representativos integram o governo nacional, que promulgou medidas de austeridade draconianas, e, por outro, faz parte da Frente Popular, que está levando uma campanha ruidosa contra o governo e seus decretos. Socialistas e comunistas declaram que as medidas econômicas de Laval constituem um excelente presente político para o fascismo; ao mesmo tempo, evitam cuidadosamente qualquer menção à responsabilidade dos radicais na política governamental. As bases da Frente Popular são a ambiguidade, o silêncio, a fraude. Não é surpreendente que a luta contra o fascismo tenha um caráter puramente decorativo. O descrédito dos radicais entre as massas populares se espalhou automaticamente para seus aliados. A “Frente Popular”, barulhenta, mas paralisada por suas contradições internas, coça a cabeça impotentemente. Ao mesmo tempo, os fascistas ampliam sua base política, e aperfeiçoam sua organização militar. Ninguém diz uma palavra sobre isso no Congresso, onde reina o monolitismo obrigatório prescrito de antemão.

O Sétimo Congresso foi convocado essencialmente para outorgar força de lei e estender a todos os países, sem exceção, a virada de 180 graus do Partido Comunista Francês. Aliás, o grande paradoxo deste Congresso é que, enquanto estabelece a necessidade de “caracterizar de forma estritamente realista as peculiaridades nacionais de cada país”, estabelece de uma só vez que a “Frente Popular” é o modelo para todas as seções. Desde que sua conduta corajosa no famoso julgamento do incêndio do Reichstag rendeu a Dimitrov certa autoridade moral – Dimitrov nunca teve ou tem qualquer outro direito de reivindicar autoridade política – foi ele quem recebeu a delicada missão de anunciar, em um discurso verborrágico e vazio, que a Comintern, na luta contra o fascismo, havia embarcado no caminho da coalizão democrática e do patriotismo. Ao contrário dos socialistas, que, como se sabe, nunca decidiram estabelecer uma coalizão governamental com os radicais, o Sétimo Congresso deu a volta às suas últimas consequências, e levantou diretamente o problema do novo rumo como a construção de um governo de Frente Popular.

Se Marcel Cachin, Thorez e outros dirigentes do Partido Comunista Francês não conseguirem formar, no futuro imediato, um governo comum com o “radical-fascista” Daladier e o “socialfascista” Blum, a causa disso deve ser buscada nas armadilhas do processo histórico, e não na má vontade dos dirigentes comunistas. Mas, se apesar de todos os fatores objetivos (crise, dificuldades econômicas, surtos revolucionários em Toulon, Brest, Le Havre, etc.),^[9] o governo de coalizão do bloco de esquerda assume o poder, não é necessário ser profeta para prever que será apenas um breve episódio e que, quando cair, arrastará consigo a “Frente Popular”. Teremos muita sorte se os resquícios da democracia francesa não forem enterrados sob suas ruínas.

A primeira grande guerra imperialista eclodiu numa época em que o capitalismo parecia estar no auge de seu poder, e o parlamentarismo parecia um regime eterno. O reformismo e o patriotismo da Segunda Internacional se apoiaram sobre essas bases. Guerra? Mas esta é a última guerra ... Desde então, todas as ilusões, primárias e derivadas, se dissiparam como fumaça. O caráter implacável de nossa época, que desnudou todas as contradições até a raiz, confere características extremamente nefastas – poderíamos dizer extremamente mesquinhas – à capitulação da Comintern às ideias e ídolos aos quais declarou guerra santa, no momento do nascimento.

Hoje, a única coisa que distingue os comunistas dos socialdemocratas é a fraseologia tradicional, e essa não é difícil de esquecer. Neste exato momento, os dirigentes comunistas começam a usar uma linguagem de salão, com seus aliados da direita com bastante sucesso; a velha reserva de imprecações é dirigida apenas contra os oponentes da esquerda. Não seria surpreendente, se a frente única fosse proclamada como o primeiro passo para a fusão organizativa plena da Segunda e da Terceira Internacionais.

Os obstáculos no caminho dessa fusão residem, não tanto nas ideias, quanto nos aparatos. Na Inglaterra, Bélgica, Holanda e países escandinavos, as seções da Comintern são insig-

nificantes demais para interessar os partidos reformistas em experiências de frente única ou em tentativas de fusão. Mas, onde a distribuição de forças é mais uniforme, especialmente na França, ambos os lados começam a levantar a questão da fusão como um problema prático. Isso será resolvido no futuro imediato? Desde a conclusão do pacto franco-soviético, as diferenças programáticas e táticas foram reduzidas ao mínimo; os socialdemocratas prometem defender a União Soviética, em troca, os comunistas prometem defender a República Francesa. No que diz respeito à guerra e à defesa nacional – o problema fundamental do nosso tempo – as bases da unidade já estão lançadas. Mas, permanece o problema das tradições de dois aparelhos burocráticos fechados e dos interesses materiais de um bom número de pessoas ligadas a esses aparelhos. O futuro revelará, se a pressão conjunta do fascismo e da diplomacia de Moscou será forte o suficiente para superar esse obstáculo secundário, mas importante o suficiente no caminho da unidade. Seja como for, o Sétimo Congresso proclamou, aberta e enfaticamente, que é preciso buscar a unidade com a própria socialdemocracia, que Stalin até poucos anos atrás chamou de gêmea do fascismo.



Se tomarmos o desenvolvimento ideológico e político da Comintern, deixando de lado o problema de seu futuro como organização - o corpo continua a se decompor muito depois de ser abandonado por sua alma vivente - podemos dizer que a história da Terceira Internacional encontra sua última conclusão no Sétimo Congresso.

Se tomarmos o desenvolvimento ideológico e político da Comintern, deixando de lado o problema de seu futuro como organização – o corpo continua a se decompor muito depois de ser abandonado por sua alma vivente – podemos dizer que a história da Terceira Internacional encontra sua última conclusão no Sétimo Congresso. Há 21 anos, Lênin lançou a palavra de ordem de romper com o reformismo e o patriotismo. Desde então, todos os dirigentes chamados centristas, oportunistas e intermediários, levantaram a acusação de sectarismo contra Lênin, mais do que a qualquer outro. Pode-se concordar ou discordar de Lênin, mas não se pode negar que a Internacional Comunista foi fundada precisamente na base da impossibilidade de conciliar as duas tendências fundamentais do movimento operário. O Sétimo Congresso chegou à conclusão de que o sectarismo foi a origem de todas as derrotas subsequen-

tes do proletariado. Assim, vemos que Stalin corrige o grande “erro” histórico de Lênin, e de forma radical: Lênin criou a Internacional Comunista; Stalin a está liquidando.

No entanto, já se pode dizer que a unificação das duas Internacionais, por mais completa que seja, em nada garantirá a unidade da classe operária. Os princípios do patriotismo social excluem a priori a possibilidade de manter a unidade internacional, especialmente em um momento em que confrontos militares se aproximam. Mas, nem mesmo haverá unidade dentro das fronteiras nacionais. No início de uma nova etapa histórica, uma nova cisão irreconciliável ocorrerá inevitavelmente nas organizações operárias, um reagrupamento de seus elementos em torno de dois eixos: o oportunista e o revolucionário. Na maioria dos países, a bandeira da Quarta Internacional já foi hasteada. No momento, esses são, é claro, pequenos grupos de vanguarda. Mas, qualquer pessoa que conheça a história do movimento operário compreenderá o significado sintomático desse fato. No entanto, este aspecto da questão está além dos limites deste artigo, que se destina a fornecer uma avaliação geral do Sétimo Congresso. Repetimos: ficará para a história como o Congresso da liquidação.

Notas:

- [1] O Congresso de liquidação da Comintern. Biulleten Opozitsi, nº 46, dezembro de 1935. Assinado “L.T.” Traduzido do russo [para o inglês] para a primeira edição desta obra [norte-americana] de John Fairlie. Biulleten Opozitsi (Boletim da Oposição) foi o jornal de língua russa dirigido por Trotsky, que publicou os documentos públicos mais importantes da Oposição, e praticamente todos os escritos e artigos importantes que Trotsky escreveu em seu último exílio. Apareceu em Paris, de 1929 a 1931, depois em Berlim, até que os nazistas o baniram, em 1933. Em seguida, apareceu em Paris, até 1934; em Zurique, até 1935; novamente em Paris, até 1939; e em Nova York, até seu desaparecimento, em 1941. Monad Press (Nova York, 1973) publicou a coleção completa em quatro volumes, identificando todos os artigos de Trotsky, incluindo aqueles que ele não assinou, ou assinou com pseudônimo.
- [2] Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831): o mais proeminente filósofo



No início de uma nova etapa histórica, uma nova cisão irreconciliável ocorrerá inevitavelmente nas organizações operárias, um reagrupamento de seus elementos em torno de dois eixos: o oportunista e o revolucionário. Na maioria dos países, a bandeira da Quarta Internacional já foi hasteada.

sofo alemão da primeira metade do século XIX. Ele desenvolveu o sistema dialético que Marx mais tarde adaptou ao materialismo histórico.

[3] Jean Jaurès (1859-1914): fundador do Partido Socialista Francês, pacifista. Ele foi assassinado no início da Primeira Guerra Mundial.

[4] Jules Guesde (1845-1922): fundador do Partido dos Trabalhadores Francês, ele introduziu o marxismo na França. Em 1905, seu grupo e o Partido Socialista da França, liderado por Jaurès, foram unificados para formar o SFIO. Um pró-guerra na Primeira Guerra Mundial, ele foi ministro de Estado, em 1914-16. Ele permaneceu com o SFIO, depois que a maioria se separou para formar o PC.

[5] Entente: aliança entre França, Inglaterra, Rússia e Sérvia, contra a Áustria-Hungria e Alemanha, na guerra que começou em agosto de 1914. O governo soviético que chegou ao poder com a Revolução de Outubro retirou-se da Entente.

[6] Aristide Briand (1862-1932): expulso do PS francês, em 1906, por aceitar um cargo no gabinete de Clemenceau. Ele fundou o Partido Socialista Republicano (burguês), em 1911, e chefiou o gabinete de coalizão de guerra, em 1915-17.

[7] Georgi Dimitrov (1882-1949): um comunista búlgaro radicado na Alemanha, atraiu a atenção do mundo em 1933, quando os nazistas o prenderam junto com outras pessoas e o levaram a julgamento pelo incêndio do Reichstag. Sua conduta no julgamento foi corajosa e ele foi absolvido. Adquiriu a cidadania soviética, foi secretário executivo da Comintern, de 1934 a 1943, e o principal porta-voz da Frente Popular canonizada pelo Sétimo Congresso (1935).

Em 1946-49, foi primeiro-ministro da Bulgária.

[8] Jacobinos: eles constituíram o setor político mais radical da Grande Revolução Francesa, e dominaram a cena política, desde a derrota da Gironda, em 1791, até serem, por sua vez, derrotados pela ala reacionária da revolução. Nesse contexto, “jacobino” significa revolucionário incorruptível.

[9] Após uma gigantesca manifestação realizada pela Frente Popular, em 14 de julho, em Paris, o governo Laval aprovou uma série de “decretos-leis” reduzindo os salários dos funcionários públicos, e aumentando os preços do gás, energia elétrica, carvão e pão, para conter a inflação. Essas medidas, prorrogadas em 8 de agosto, causaram confrontos sangrentos entre a polícia e os marinheiros e trabalhadores dos arsenais navais e dos portos marítimos de Toulon, Brest, Cherbourg, Saint-Nazaire e Le Havre. As tropas do governo mataram cinco grevistas, e feriram centenas; alguns deles armados para o confronto. Essas lutas foram o prenúncio de greves em massa com ocupação de fábricas, que ocorreram menos de um ano depois.

(Leon Trotsky, Escritos, Tomo VII, 1935-1936, vol. 1, Editorial Pluma)

LANÇAMENTO ▶

R\$ 35

ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR:

100 anos da Revolução Russa

RECONSTRUIR O PARTIDO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA MUNDIAL, A IV INTERNACIONAL